

# JORNAL DA KRIYA YOGA DE BABAJI

---

VOLUME 28 | NÚMERO 1 | OUTONO 2021

---

Publicado quadrimestralmente por Babaji's *Kriya Yoga* and Publications, Inc.

196 Mountain Road P.O. Box 90 - Eastman, Quebec, Canada JoE 1Po

Tel. (450) 297-0258 | fax: 450-297-3957 | [info@babajiskriyayoga.net](mailto:info@babajiskriyayoga.net) | [www.babajiskriyayoga.net](http://www.babajiskriyayoga.net)

---



## Sumário

1. Monges iluminados (Parte 1), por *Durga Ahlund*
2. Monges iluminados (Parte 2): Sombras do crepúsculo, por *Durga Ahlund*
3. Mahasamadhi do Kriya Yogue Barfani Dadaji, memórias de *M. G. Satchidananda*
4. Notícias e Notas



# Monges Iluminados (Parte 1)

Por Durga Ahlund

Ao longo de décadas de busca, tive a sorte de encontrar alguns Seres Iluminados que me deram um vislumbre da Iluminação como um estado de beleza, graça, generosidade, abundância e repleto de felicidade. Mesmo quando criança, eu tinha uma sensação nebulosa de impressão e uma atração pela questão de quem eu era, onde eu estava no corpo e de por que eu estava aqui. Sempre esperei que minha alma me guiasse, e até mesmo me redirecionasse, quando necessário em minhas buscas pela vida.

Uma criança pequena com vaga e comovente noção, tinha certeza de que os adultos, pelo menos alguns deles, teriam uma conexão direta com sua alma e que a fonte de inspiração os guiaria. Eu conheci alguns indivíduos nascidos para a Iluminação, se não nascidos iluminados. A maioria deles você pode ter conhecido ou pelo menos ouvido falar. Mas eu gostaria de compartilhar a história de dois santos *sadhus*, que eu chamaria de *Satgurus*.

Govindan e eu conhecemos um jovem *Swami Jagadguru Ramananda Acharya* na primavera de 2002. Ele era um discípulo de Sri Sri Sadgurudev Brahmarishi Barfani Dadaji, que tinha mais de 200 anos. Barfani Dadaji estava pronto para contar histórias doces e engraçadas de seu relacionamento pessoal próximo com Neem Karoli Baba e Mahavatar Babaji.

A história de nosso encontro com esses seres divinos começou em fevereiro de 2002, quando Govindan recebeu um telefonema de membros da Barfani Dham Khalsa. A ligação era um questionamento sobre o interesse de Govindan em hospedar alguns *siddhas*, que atualmente vivem no Himalaia, no *ashram* no Canadá. O quê?! Sim! A pessoa ao telefone explicou que Barfani Dadaji estava preocupado com a possibilidade de um acidente nuclear devido ao aumento da tensão na Caxemira. Sua preocupação começou a crescer após o ataque ao parlamento indiano, em dezembro de 2001. Dois grupos militantes baseados no Paquistão, talvez chefiados pelo serviço de inteligência paquistanês (*ISI*, na sigla em inglês), mataram várias pessoas.

Govindan consentiu e essa mensagem foi transmitida a Barfani Dadaji. Nada mais foi dito por vários meses. No final de maio daquele ano, Govindan recebeu um segundo telefonema do mesmo discípulo, dizendo que ele e eu havíamos sido convidados para acompanhar Sri Dadaji em uma peregrinação ao Monte Kailash. Partiríamos no dia 1º de julho. Naquela época, eu estava trabalhando para a *Kriya Yoga Publications* no Canadá, como editora de um livro; havia criado um DVD de *Hatha*



*Yoga*; tinha desenvolvido e estava ensinando um *Hatha Yoga Teacher Training*; e preparando um curso por correspondência de dois anos. Também estávamos noivos, mas como Barfani sabia sobre mim, não sei.

Decidimos largar tudo o que havíamos planejado para julho e ir a Indore, cidade de Madhya Pradesh, um pouco a oeste do centro da Índia, para nos encontrarmos com Sri Sri Barfani Dadaji e, então, ficaríamos sabendo o que estaria acontecendo com os *siddhas*. Talvez também o acompanhássemos em um *yatra* até o Monte Kailash! No final de junho, voamos para Nova Delhi e fomos recebidos pelo Sr. V., o discípulo que havia falado com Govindan anteriormente. O Sr. V. era um homem muito gregário e generoso. Convidou-nos, junto a um grupo de outras pessoas, para passar o dia e a noite em sua linda casa. Tivemos uma noite maravilhosa. No dia seguinte, voaríamos para Indore.

Chegando em Indore, fomos direto para o Barfani Dham Ashram e encontramos Sri Sadgurudeva Barfani Dadaji. Ele era a alma mais doce que já conheci. Não parecia ter mais de 200 anos, mas sim um homem na casa dos 70. Ele sorriu e olhou tão brilhantemente segurando meu olhar, que senti ter recolhido toda a minha história naqueles minutos. Ele disse que eu era discípula de Babaji, mas também via Sai Baba ao meu redor. Fiquei surpresa com a referência de Sai Baba. Eu só tinha ido ao seu *ashram* uma vez, por 10 dias. Talvez seja isso que ele tenha visto. Ele mostrou a Govindan e a mim o *ashram*, falando em hindi e sorrindo. Com ajuda de um tradutor, disse que falaria conosco depois que voltássemos da pequena ilha de Omkareshwar. Informou-nos de que viajarmos até lá depois do almoço, e então, falaríamos com seu discípulo Jagadguru Ramanandacharya, que lá estava fazendo *tapas*. Ele voltaria conosco para Indore e então discutiríamos sobre os *siddhas* e o *yatra* do Monte Kailash. Ficamos muito satisfeitos e entusiasmados em poder ver Omkareshwar no rio Narmada com todos os seus *lingams* naturais. Almoçamos e imediatamente partimos em uma caravana com cerca de 10 outras pessoas, os devotos indianos com quem havíamos viajado de Nova Delhi.

Omkareshwar é uma ilha de 2 quilômetros de comprimento e 01 de largura, na forma de uma representação visual do Om, a cerca de 70 quilômetros de Indore. Está situada no *prayag* (convergência) dos rios Narmada e Kaveri. É conhecida por seu Jyotirlingam, um *lingam* auto-capacitado e autoiluminado, apresentado para adoração no Templo Sri Omkareshwar Mahadeo. Existem muitos templos hindus e jainistas em Omkareshwar, incluindo um raro Templo de Brahma. Há uma caverna de Adi Shankaracharya e o fundador da religião Sikh, Guru Nanak, fez *parikrama* lá. Muitos Sikhs visitam a ilha em peregrinação e toda sua extensão parece sagrada.

Registramo-nos em um *dharmshala* que era extremamente descuidado. Estava acostumada a coisas simples, mas as condições eram terríveis. Nem Govindan nem nenhum dos indianos disseram uma palavra, então mantive meus pensamentos para mim mesma enquanto deixamos nossas malas no quarto e trancamos a porta interna. As dobradiças da porta externa estavam tão soltas que um forte puxão teria aberto. Levei meus objetos de valor comigo, então parti para visitar a cidade sem me preocupar. A aldeia era estranhamente familiar, como se eu já a tivesse visto alguma vez em sonho. Almoçamos com o grupo, mas a energia deles estava ficando cansativa. Estávamos ficando irritados com a sensação de sermos agrupados aqui e ali. Para ser franca, havia uma hostilidade crescente dentro do grupo. Eles queriam principalmente ficar no continente, visitar os templos, bazares e depois fazer um *parikrama* da ilha. Tudo o que queríamos fazer era pegar o barco pelo Narmada até a ilha onde Ramanandacharya estava fazendo seus *tapas*. Govindan e eu decidimos nos livrar do grupo, então esperamos por um tempo em uma loja e depois fomos embora. Todos ficaram aliviados, tenho certeza.

Pegamos o barco e chegamos ao local logo abaixo, no Templo e Ashram de Gayatri. O Templo Gayatri tinha uma energia maravilhosa. Havia vários pequenos e adoráveis quartos disponíveis para alugar para *sadhaks*. Uma cativante garotinha veio correndo em nossa direção, enquanto caminhávamos até lá. Ela era filha do sacerdote do Templo. Perguntei-lhe em inglês se sabia onde Swami Ramanandacharya se hospedava. Ela sorriu o mais lindo sorriso, agarrou minha mão e levou-me até sua cabana. Swami estava lá dentro quando chegamos. A pequena *devi* chamou seu nome e ele saiu imediatamente. Jagduru Ramanandacharya era um belo homem, de cerca de 40 anos, mas parecia não ter mais de 30. Ele deve ser um *hathayogi*, pensei. Era muito forte, o que parecia um pouco incomum para um *sadhu* com sua formação. Talvez ele tenha ouvido meu pensamento, pois pareceu ter franzido um pouco a testa. Também parecia saber que Govindan estava chegando, mas aparentou estar perturbado com minha abordagem. Ele pegou a mão da menina e meio que dançou com ela, girando-a. Havia tanto amor ali entre aqueles dois, fiquei encantada!

Swamiji estava em silêncio e tinha um pequeno quadro-negro no qual escreveria. Você tomaria chá? Ele perguntou, voltado para Govindan. Sim! Definitivamente, respondi antes que ele tivesse a chance de recusar a oferta. Swamiji sorriu, acenou com a cabeça na minha direção e foi para a cabana. Dois jovens saíram para nos dar uma olhada antes de voltarem para fazer o chá.

A pequena *devi* ajudou-os a servir o chá. Então, pelas próximas quatro horas, ficamos sentados, imóveis e paralisados, por Swamiji e as histórias que ele tão facilmente rabiscava em seu pequeno quadro. No início, ignorou a mim e minhas perguntas, falando apenas com Govindan. Eu me diverti com esse padrão, mas segui determinada e persistente em meu questionamento. Em pouco tempo ele me permitiu entrar em seu mundo, e quando terminamos nosso chá eu me sentia muito próxima dele.

Swamiji falou de seus encontros com Yogi Ramaiah, professor de Govindan, e sobre sua permanência no pequeno *ashram* Kali, em Grahamsville, Nova Iorque. Contou sobre o desfile em que ele estava com Barfani Dadaji, em Nova Jersey, quando Barfani clareou um céu totalmente nublado e cheio de nuvens de chuva, em um dia de sol sem fim. Eu perguntei-lhe sobre a concessão de seu título de Jagadguru. Ele compartilhou profundamente seu pertencimento à seita Akhil Bhartiya Digambar Ani Akhara e ser tão humilde por sua concessão do título, Jagadguru. Não demonstrou nenhum senso de orgulho enquanto falava, nenhuma sensação de estar irritado ou rejeitando meu questionamento. Falou com muita simplicidade, honestidade e humildade. Eu estava presa em minhas profundezas por sua pureza e *siddhis*, e pela maneira fácil como ele estava conosco.

Swamiji compartilhou seu encontro com Babaji no Monte Kailash, e como Babaji transmitiu-lhe uma técnica para dar a todas as pessoas ... uma técnica muito simples de cantar AUM duas vezes por dia, por um determinado período de tempo, em um ritmo particular. Ele disse que é tudo o que a maioria das pessoas está disposta a fazer regularmente, e que traria benefícios reais. Pediu-nos a foto que tinha visto em nosso site, de Babaji e Mataji sentados em Santopanth Tal. Prometemos mandarlhe, e também uma camiseta com a mesma tela da foto impressa. Ficamos todos muito felizes. Ele pediu mais chá e biscoitos.

A certa altura, ele nos disse que Babaji era na verdade uma encarnação de Hanuman. De repente, assim como ele começou a contar a história de Hanuman e a conexão com Babaji, macacos na selva começaram a fazer barulho e um grupo correu em nossa direção, enquanto estávamos sentados na



varanda de sua cabana. Eu rapidamente peguei minha bolsa e Ramanandacharya virou-se para mim com um sorriso, colocou a palma da mão para cima para dizer, sem medo. E escreveu em sua lousa: “Não vou deixar nada acontecer”. Para minha surpresa absoluta, os macacos chegaram apenas até a parede de um lado da cabana e se sentaram ... devo dizer, de uma forma bastante ordeira, como se quisessem ouvir Swamiji contar a história de Hanuman novamente. Eu juro que isso é verdade. Eu até exagerei um pouco! Além disso, os passarinhos que já estavam sentados lá da mesma maneira não se moveram nem um pouco quando os macacos correram em nossa direção. Era como um conto de fadas de desenho animado.

Govindan e eu olhamos um para o outro, para Swamiji, para os pássaros, macacos e apenas encolhemos os ombros. Sentamo-nos em um silêncio extasiado para ler a história. Ele ainda não estava falando em voz alta, estava apenas escrevendo a história e ainda assim, ele nos tinha a todos: homens, mulheres, crianças e animais hipnotizados.

Swamiji então fez outra coisa maravilhosa; ele nos mostrou sua caverna de meditação. A caverna foi cavada profundamente no solo e bastante baixa na colina. Embora muitas vezes houvesse grandes monções na ilha, a caverna permaneceu seca. Swamiji disse que até ele se surpreendeu. Dentro da caverna havia uma bela Durga *murti*, e uma fotografia que ele queria que eu visse. Ele permitiu que meditássemos ali por cerca de uma hora. Foi só quando ouvimos nossos amigos indianos chegarem que interrompemos a meditação. Foi uma bênção maravilhosa poder meditar na caverna de Jadguru Ramanandacharya na ilha sagrada de Omkareshwaram.

O Sr. V. e seu grupo estavam sentados na varanda enquanto saíamos da caverna. Eles pareciam bastante aborrecidos conosco, por muitos motivos, tenho certeza. O Sr. V. estava deitado na rede do Swami, de costas para o Swami. Os outros estavam apenas conversando com ele sobre seu dia. Fiquei profundamente desapontada com essas pessoas. Nenhum deles demonstrou a reverência devida a esse jovem *sadhu*, que era uma manifestação divina de pura luz e força.

O grupo começou a contar a Swami sobre o *yatra* Kailash, e que ele deveria voltar conosco na manhã seguinte. O Sr. V. entregou-lhe uma mensagem de Barfani Dadaji. Swamiji escreveu em seu quadro-negro que faria tudo o que seu Sadguru Barfani Dadaji pedisse e viajaria conosco de volta a Indore pela manhã.

O grupo queria que ele oferecesse um *homan* (cerimônia de purificação do fogo) naquela noite, e Swamiji disse que sim. Mas, porém, primeiro deveríamos meditar em nosso desejo mais profundo e torná-lo um bom desejo, porque tudo o que pedíssemos naquela noite seria fornecido. Os rapazes haviam preparado uma refeição para todos nós com arroz e *dahl*. Estava delicioso, mas a doce energia da tarde foi perturbada por este exigente grupo. Mesmo que eles tivessem dito que eram discípulos de Ramanandacharya, havia falta de respeito.

Quando estava aceitando outro chá, perguntei a um dos rapazes se ele sempre ficava com Swamiji. Ele disse que duas pessoas deveriam estar com ele o tempo todo. Eles tinham que cuidar dele, que frequentemente entrava em *samadhi* profundo e permanecia ali por dias a fio. Barfani Dadaji disse a eles para ficar com ele, protegê-lo e certificar-se de que ele comesse e bebesse água.

Ramananda Acharya veio para Barfani Dadaji somente depois de terminar seus estudos universitários. Ele era um *sadhu* único com um *dharma* incomum. Perguntei-lhe se continuaria disponível

no mundo para nos ensinar o que havia aprendido. Ele admitiu que não se importava com o ensino. “Este corpo simplesmente fará o que for exigido dele. Farei tudo o que Barfani Dadaji ou Babaji exigirem de mim.”

O dia tinha sido incrível. Tanta coisa aconteceu. Perguntei-me o que o homa (cerimônia com fogo) da noite nos traria.



## 2

# Monges Iluminados (Parte 2): Sombras do Crepúsculo

*Por Durga Ahlund*

O pôr-do-sol e o crepúsculo são momentos repletos de graça em Omkareshwaram. O dia, partindo e passando para a noite, silenciou minha mente. Penso que é meu momento preferido, quando sou capaz de refletir sobre o dia para testemunhar lições, erros aprendizados. O pôr-do-sol e o crepúsculo descendentes foram particularmente cativantes e libertadores, sentada na areia, ao lado de Govindan, nesta ilha em forma de OM.

Eu me sentia oca e vazia, isolada de todas as fontes psicológicas de medo, ansiedade, sofrimento e também do desejo e do apego. Eu não senti nada além do desapego que uma pessoa sente quando tem tudo. Naqueles momentos, tive certeza de que não faltava nada. No entanto, Swamiji disse que devemos contemplar o que mais desejamos antes de começarmos o fogo sacrificial. Eu só poderia dizer que queria as qualidades de compaixão e retidão, força, solidão. Como pedir isso? Talvez meu desejo fosse que meu terceiro olho se ampliasse para abranger a orientação interna necessária para ter, e manter, aquelas qualidades dentro de mim.

Os itens do *puja* foram montados e o fogo foi aceso. Todos os *sadhakas* indianos haviam se sentado ao redor do fogo e Govindan e eu estávamos atrás deles. Swamiji fez com que abrissem espaço para nós e nos acomodamos em frente ao fogo. O fogo, o incenso e o canto eram muito intensos, como nada que eu já tivesse experimentado antes. A fumaça engolfou meus sentidos e minha mente tornou-se ativa com pensamentos e visões. A intensidade às vezes não era confortável, o homa durava horas e horas. Quando saímos da ilha, eu estava um pouco instável, nauseada e desorientada. Tivemos que pegar o barco de volta ao continente.

Só quando entrei no quarto lembrei de como ele estava sujo. Entrei no banheiro para lavar o rosto, mãos e pés e vi vermes saindo do vaso sanitário agachado. Coloquei meu xale nos lençóis sujos da cama e tentei dormir. Govindan adormeceu rapidamente. Ele tem esse *siddhi*, se quer dormir ele diz

que vai dormir, fecha os olhos e está dormindo. Eu, entretanto, não dormi. Desenvolvi uma forte dor de cabeça como nenhuma outra que já tive. A dor era muito aguda na minha testa. Enrolei como que uma faixa indiana em volta da cabeça e apertei. Tomei banho e um tylenol. Rezei. Bebi um litro de água. Rezei. Tentei acordar Govindan, mas não consegui. Talvez eu tivesse que passar por aquilo sozinha... Abri a porta externa, sentei-me ao luar e conversei com Deus. Pensei, bem, vou morrer e me render à dor.

O que passava pela minha cabeça era, principalmente, por que eu teria que morrer em um quarto tão sujo? Mais uma vez, tentei despertar Govindan. A dor era incessante, mas em algum momento fui capaz de meditar, e lembrei-me de uma conversa com uma amiga leal e *sadhaka*. Pouco antes de partir para esta viagem, Linda enviou-me um pedaço de uma pedra rosa, que ela recebera 25 anos antes. Ela me disse que havia sido solicitada a fazê-lo durante uma meditação. Entrei para tentar encontrar a pedra. Estava em um pequeno compartimento na minha bolsa. A dor era tão forte que caí onde estava, coloquei a pedra contra meu terceiro olho e rolei em direção à têmpora direita. Literalmente, em segundos, a dor começou a se dissipar. Eu segurei em minha têmpora e em poucos minutos a dor foi embora. Agarrando a pedra rosa, adormeci.

Na manhã seguinte, me senti bem, nem mesmo cansada. Contei a Govindan o que havia acontecido e ele perguntou por que eu não o acordara. Fomos para o café da manhã. Ninguém de nosso grupo estava lá, então concluímos que tinham se levantado cedo e voltado para a ilha. Mas enquanto caminhávamos para onde o barco estava atracado, encontramos Swamiji. Ele ainda não tinha visto ninguém. Fez as malas e convidou-nos para voltar em seu carro para Indore, mas disse que não tinha espaço para nossa bagagem. Tomamos um chá e, quando ele arrumou o carro, os outros já haviam chegado. O grupo contou-nos que havia adquirido uma van para voltar a Indore, mas não havia espaço para nós, e parecia não haver outra van disponível. Teríamos que encontrar outro caminho para Indore. Swami disse-lhes que voltaríamos com ele. Tenho certeza de que ele previu a situação. Swami deu nossas malas a um dos homens e disse que deveriam levar nossas malas com eles. “Encaixe-as de alguma forma.” Houve resistência, e talvez ressentimento. Eles saíram para voltar para a van, disseram adeus, e partimos para Indore com Swami.

A viagem de volta foi inesquecível. Swami parava com frequência para me provar sua teoria de que em todos os lugares havia pedras nas quais o aum estava embutido. Ele me disse: “elas estão em todos os lugares para onde eu olho; você simplesmente não está olhando!” Ele dizia aleatoriamente para seu motorista parar o carro, dava uma curta caminhada e encontrava uma pedra com o símbolo de aum claramente embutido. Nunca falhou. Eu perguntei se ele tinha um bolso cheio de pedras de aum. Ele riu ... eu não sei, ou ele tinha o *siddhi* para gravar o aum em qualquer pedra que pegasse ou tinha o *siddhi* para encontrá-las. Ele era maravilhoso, admirável e um deleite! Em outro momento, quando ele estava dizendo que Babaji é realmente acessível, embora sempre anônimo, um homem correu até nosso carro, dizendo “Pare!” para o motorista. Ele era um homem jovem e atraente, em trajes modernos. Ele veio até a nossa janela, cruzou os braços na frente da minha porta, enfiou a cabeça direto no carro e disse: “Bem, olá, não te conheço? Você me conhece?” Eu apenas olhei para ele e depois para Swami, que estava no banco da frente. Quando olhei para trás, ele se afastou do carro, deu uma saudação rápida e um sorriso. Swami não disse nada e quando eu perguntei: “Você conhece aquele homem?” Ele disse: “Quem?”.

Quando chegamos ao Barfani Dham Ashram, havia um grande número de pessoas reunidas. Sua Santidade Barfani Dadaji estava com um longo manto vermelho escuro e sentado ao lado de um telefone, rodeado por centenas de devotos. Ele parecia estar se comunicando com muitas pessoas ao mesmo tempo e completamente à vontade com as demandas de todos sobre ele. As pessoas recebiam bênçãos a seus pés, algumas pediam coisas pessoalmente e para outras ele falava ao telefone. Alguém ligava assim que ele desligasse com o último. Swamiji Ramanandacharya nos disse para fazer *pranam* à Sua Santidade, e então encontrá-lo dentro do *mandir*.

Ele nos instruiu a meditar em uma sala especial dentro do *mandir*, pois demoraria um pouco até que Sadguru Barfani Dadaji estivesse livre para falar conosco. Minha meditação foi profunda e senti a Presença de Ramanandacharya. Ele estava lá comigo, não interferindo com mensagem ou instrução, nem espionando, mas como uma Presença Testemunha. Era uma presença calorosa e reconfortante. Após nossa meditação, Govindan e eu voltamos para onde Swami estava descansando para encontrar Sua Santidade com ele. Pelas próximas horas, fomos banhados na Presença desses homens santos incríveis. Swamiji quebrou seu silêncio e sua bela voz melodiosa traduziu o hindi de Barfani Dadaji. H.H. nos contou histórias milagrosas de como era viver com Mahavatar Babaji em uma caverna por meses a fio, e de seus outros companheiros de caverna. Ele disse que aquele *rishi* com quem ele vivia era coberto de pelos, quase como pele, tinha unhas infinitamente longas que nunca foram cortadas, e sobrelanceiras que caíam sobre os olhos. Ele parecia e cheirava mais a um animal não humano do que a um homem. Dadaji riu enquanto lembrava e então todo o seu corpo começou a vibrar de tanto rir. Olhamos para trás e para frente entre Sua Santidade e Swamiji enquanto eles contavam as histórias, primeiro em hindi, depois em inglês. Eles se perguntaram se conhecíamos Krishna Das, que visitava H.H. com frequência, e depois falou sobre Neem Karoli Baba e como o próprio H.H. o havia despertado, no início dos anos 1950, para o caminho que ele deveria seguir.

Perguntamos a Sua Santidade sobre a situação dos *siddhas* do Himalaia e o que estaria envolvido para reassentá-los em Quebec. Govindan tinha uma longa lista de todas as coisas que se deve fornecer para patrocinar tal mudança. Barfani Dadaji riu muito de nossa ingenuidade. “Não há nada que você precise fazer para os *siddhas* se reassentarem, como você disse. Atualmente, tudo está bem onde eles estão agora. Houve um certo estado de emergência, quando enviei aquela mensagem para você. No entanto, eles ajudaram a pacificar as energias e retificar a situação iminente. No entanto, se as coisas mudarem novamente, eu o notificarei. Eu vi sua propriedade do *ashram*. É um bom lugar com todas as árvores e a água.”

Govindan foi muito insistente, “bem, como funciona essa comunicação?!” Sua Santidade sorriu e continuou. “Como funciona é assim, os *siddhas* sentem a energia crescendo e oram a Deus. Deus transmite as notícias. Felizmente, posso ouvir essa transmissão e vou ligar para você! H.H. riu. Eles não precisarão de um visto canadense ou de uma passagem aérea também! Ha Ha Ha!”

Que bênção estávamos recebendo - apenas por ter a atenção dessas duas almas elevadas. Jai Babaji! Antes de Sua Santidade sair para descansar, perguntei-lhe se poderia pedir-lhe um favor. Ramanandacharya olhou diretamente para mim, com desconfiança. Eu sabia pela expressão dele que aquele era um momento decisivo - o que eu pediria definiria minha sinceridade. Pelo menos foi o que percebi em seu olhar.



Corajosamente falei: “Eu só quero, mas desejo muito, ter as bênçãos de Sua Santidade em nosso futuro casamento.”

Swamiji sorriu amplamente. Sua Santidade também sorriu e disse: “Você tem minhas bênçãos, e se você for em *yatra* com Swamiji para o Monte Kailash, você voltará aqui para Barfani Dham e terá seu casamento aqui.” Outra Bênção!

Passamos mais algumas horas com Swamiji, que nos mostrou seus álbuns de fotos e falou sobre seu caminho até Mahavatar Babaji. Conversamos sobre a peregrinação ao Monte Kailash e, com os indianos com quem viajaríamos no *yatra*. Sua Santidade Barfani Dadaji disse-nos que não iria porque tinha muito trabalho em Indore, mas que Swami Ramanandacharya nos levaria.

Então começou o restante do dia um tanto opressor em Barfani Dham. Estávamos envolvidos em uma mistura de interações, conversas e atividades e com tantas pessoas diferentes. Havia muita coisa acontecendo logo abaixo da superfície, emoções, egos, orgulho e preconceito. Levei meses para digerir tudo depois que voltamos para casa. Govindan realmente começou a se sentir extremamente cansado e, em seguida, bastante doente. Ele raramente é, também, dessas coisas. Essa grande reunião de pessoas estava se tornando cansativa e um aborrecimento para nós dois. E a ideia de viajar em uma caravana até o Monte Kailash emaranhada nos karmas de tantos outros começou a pesar muito sobre nós.

Meditamos profundamente se deveríamos ir ou não ao Monte Kailash *yatra* neste momento. Conversamos longamente com Ramanandacharya, que nos disse: “Você tem que ir, você deve ir!” No entanto, ele nos disse que poderíamos ir sozinhos, e isso foi um pouco assustador, pois não havíamos nos preparado adequadamente para irmos sozinhos. Resumindo, foi uma decisão da qual nos arrependemos para sempre ... de não ir para o Monte Kailash, pois era o que ambos queríamos.

Tínhamos recebido muito nesta semana em Indore e Omkareshwar. Ramananda fez uma promessa antes de partirmos para Nova Delhi para nosso vôo de volta. Ele permaneceria comigo sempre em meu caminho para Mahavatar Babaji. Ele nunca me deixaria. Isso foi tão gratificante quanto um *yatra* para Kailash.

Pouco antes de nosso táxi chegar para nos levar ao aeroporto eu disse a ele, telepaticamente, que queria muito um abraço de despedida. Pedi que ele me mostrasse se isso fosse inapropriado. Ele parecia um pouco tímido quando olhei para ele, depois da minha pergunta silenciosa. Ele colocou a mão no meu ombro. Eu não deveria abraçá-lo. Ele sussurrou para que eu fizesse *pranam* a Sua Santidade. Quando coloquei minha testa nos pés de Sua Santidade Barfani Dadaji, ele estava dando um telefonema e conversando com outro discípulo. Ele nunca olhou para mim, mas eu senti o amor crescer em meu próprio coração.

Com apenas um aceno para esses Seres Divinos, eu teria chamado Guru, partimos.

Eu me correspondi por e-mail em várias ocasiões para Jadguru Ramanandacharya. Ele estava muito feliz com nosso casamento e ficava me dizendo que agora eu deveria mudar meu nome para ficar com o do meu marido. Ele tinha sido bastante inflexível. Continuei me chamando de Durga Ahlund e ele parecia bastante incomodado com isso. Conversamos sobre uma viagem ao Canadá para encontrar alunos de Kriya Yoga no *ashram* de Quebec.

Então, em 25 de fevereiro de 2004, Jadadguru Ramanandacharya Swami Rajeev Lochanacharya Ji, de Yoga Shakti Peethadheswar, discípulo de Barfani Dadaji, de Barfani Dham Ashram, Malviay Nagar,

Indore, Madhya Pradesh e Mahavatar Babaji do Monte Kailash, faleceu logo após a meia-noite do *Mahashivaratri*, à 00h30, enquanto fazia *puja* no Monte Kailash.

Comunicado de imprensa do Hinduism Today:

“Swami Rajeev Lochanacharya estava na peregrinação sagrada de Kailash Mansarover e sofreu de problemas respiratórios a uma altura de 20.000 pés. Neste *yatra*, ele estava acompanhado por seus dois discípulos, Shri Deepak Rawal, de Ahemdabad, e Shri Manoj Bhai, de Mumbai. Swami Ji cruzou a fronteira com a China em 14 de fevereiro e alcançou Kailash Mansarover no dia 18. Ele fez seu *Mahashivaratri Puja Archana* especial lá. Depois de sofrer de problemas respiratórios / ataque de asma, foi levado de Tarchen para Taklakot, onde foi hospitalizado e recebeu oxigênio. Depois de receber oxigênio, ele estava se sentindo melhor e fez o *puja* novamente às 22h30. Quando seus discípulos lhe disseram para descansar, ele riu e disse-lhes: “Nada vai acontecer comigo. No entanto, se algo acontecer, façam meu *samadhi* aqui mesmo.”

Fiquei chocada e com muita dor ao ouvir sobre a morte do Mais Querido dos Queridos em meu coração, Swami Ramanandacharya. Todos os seus discípulos ficaram chocados ao saber de sua morte e cremação nas margens do Lago Mansarovar. Ouvi diretamente de um Swami, um devoto de Anandamayi ma, que vive na ilha de Omkareshwar, que o próprio Barfani Dadaji trouxe as cinzas de Ramanandacharya de volta para Omkareshwar. Naquele dia a notícia se espalhou por toda a ilha.

“Foi uma das experiências mais comoventes da minha vida”, disse Swami Mangalanda, e continuou: “Dois barcos chegaram carregados de gente com as cinzas de Ramananda. Todos nós do *Ashram* de Anandamayi ficamos nos diferentes níveis do *ashram* com vista para o Narmada e saudamos com as mãos levantadas sobre nossas cabeças enquanto eles passavam. Então descemos para encontrar e mostrar nosso respeito por nosso irmão falecido. Em pouco tempo, *sadhus* de toda a ilha se reuniram no *ghat* de Barfani Dham. Ramananda era muito respeitado e tinha muitos discípulos, tanto monásticos quanto leigos.”

“Um lindo santuário com seu quadro foi montado, coberto de flores, e a urna de barro com seus restos mortais foi colocada aqui enquanto o serviço fúnebre era entoado. Seus discípulos de Barfani Dham estavam tendo seus longos *jattas* raspados em luto. No final do serviço, um *brahmachari* ergueu a urna sobre a cabeça e caminhou até a beira do rio. Nesse ponto, todos se reuniram espontaneamente em torno dele e levantaram as mãos para tocar a urna, muitos soluçando ruidosamente. O *brahmachari* entrou na água com a urna sobre a cabeça e, nesse ponto, muitos *sadhus* se juntaram a ele, entrando no rio. Depois de alguns metros, eles começaram a nadar e, quando chegaram ao meio do rio, as cinzas foram jogadas na Mãe Narmada. Enquanto elas se misturavam com a água límpida do rio, muitos dos *sadhus* nadaram na frente e se banharam nas cinzas enquanto elas eram carregadas rio abaixo. Em seguida, todas as flores do santuário foram colocadas no rio, formando um tapete multicolorido cobrindo toda a superfície da água. Todos nós presentes entramos, nos banhamos e oferecemos orações pela alma do nosso respeitado irmão. Já estive em *jal samadhi* de *sadhus* antes, mas este foi mais comovente do que qualquer situação que eu tivesse experimentado. A rapidez de sua morte inesperada, sua pouca idade e a dependência que tantas pessoas tinham dele, tornaram o momento muito triste. Embora Barfani Dada nunca demonstre emoção, pude perceber que ele estava muito chateado e triste.”

Swami Mangalananda continuou: “Mais tarde, visitei o acampamento Barfani Dham no *Kumbha Mela* em Ujain e tive o *darshan* de Dada. Todo mundo ainda estava chateado e meio confuso. Outro jovem *brahmachari*, Hanumanprasad, está sendo treinado por Dadaji para tentar assumir os deveres de Sri Ramanandaji, mas ele está longe do status espiritual de Acharyaji.”

“Eu, e muitos, sentimos como você, que ele recebeu um telefonema de Babaji, e foi isso que o levou a ir para Kailash em uma época do ano tão estranha, quando o tempo estava tão ruim. Ele está sem dúvida com Babaji neste momento, de uma forma ou de outra. Nós dois temos a sorte de ter conhecido um homem tão grande. Eu estaria interessado em saber qual foi a promessa que ele fez com você, se você sentir vontade de compartilhá-la comigo.”

Compartilho este memorial com todos vocês que leem este texto, que também está no meu blog, porque Ramanandacharya era o mais Querido dos Queridos para mim e para tantos que trilham um caminho solitário em direção a Deus. Seu falecimento trouxe à tona em mim, pela primeira vez, uma profunda contemplação da morte e do *dharma*. Como ele me disse em julho de 2002: “Este corpo simplesmente fará o que for exigido dele”.

*Om Tath Sath*



### 3

## Mahasamadhi do Kriya Yogue *Barfani Dadaji*

*Da memória de M.G. Satchidananda*

Foi em 24 de dezembro de 2020, às 21h45, na cidade de Indore, na Índia, que ficou marcado o auspicioso *mahasamadhi* de um grande santo e *siddha*, Barfani Dadaji. Nesta data, ele fez uma saída consciente do corpo físico após uma vida extremamente longa.

Anos atrás, em julho de 2002, Durga e eu passamos vários dias com Barfani Dadaji em seu *ashram*, na mesma cidade de Indore, no estado indiano de Madhya Pradesh. Barfani significa “coberto de neve” e Dadaji significa “tio amado”. Barfani Dadaji teria cerca de 235 anos naquela época. Ele foi definitivamente a pessoa mais calma que já conheci. Lembro que, durante um *satsang* matinal diário, ele estava sentado na varanda cercado por devotos silenciosos ao mesmo tempo em que atendia ligações de outros devotos a cada minuto, respondendo sempre “*Achaa, Achaa*” (sim, sim) e nada parecia perturbar sua serenidade.

A primeira vez que ouvi falar de Barfani Dadaji foi no começo dos anos 2000, quando fui informado de que seus discípulos haviam organizado uma *sadhu mela* - ou reunião de *sadhus* - em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Meu professor, Yogi Ramaiah, que estava na Malásia, cancelou seu programa para participar. Logo depois, o principal discípulo de Dadaji, o falecido Ramananda Acharya, fez 48 dias de *tapas yogues* no templo

de Kali, construído por Yogi Ramaiah em Grahamsville, Nova Iorque. Poucos meses depois, outro discípulo me ligou e pediu que fosse a sua casa, em Nova Jersey, para compartilhar um pedido de Dadaji. Por curiosidade, eu fui. Enquanto estava lá, ele me mostrou artigos raros que Dadaji pediu que usasse durante as sessões de cura com os devotos. Ele também compartilhou um pedido de Dadaji: que eu viajasse para Indore para me encontrar com ele, pois tinha assuntos importantes para discutir. No início de 2002, Durga e eu fomos para seu *ashram* em Indore, onde ficamos por uma semana.

Durante uma entrevista privada, Dadaji nos contou como viveu de 1920 a 1962 em uma caverna no alto do Monte Kailash, no Tibete, o lugar mais sagrado para os *Shivaistas*. Ele partiu quando os chineses invadiram a Índia. O santo disse que Kriya Babaji o visitou nesta caverna em várias ocasiões. Também riu quando contou de outro *sadhu*, que viveu na caverna junto com ele por muitas décadas, deixou seus pelos crescerem tanto que parecia um urso!

Em nosso segundo dia lá, perguntei por que havia nos convidado para ir ao seu encontro. Ele disse: “Estive em seu *ashram* em Quebec (Canadá). É muito bonito, todas as árvores e a água”. (Presumi que Dadaji tivesse feito a visita no plano astral, pois não tinha evidências de que tivesse sido uma visita física). “A guerra entre Índia e Paquistão é iminente, com centenas de milhares de soldados e mísseis com ogivas atômicas concentrados em ambos os lados da fronteira na região de Kargil, na Caxemira. Meus amigos no Monte Kailash estão a apenas 100 quilômetros de distância. Portanto, se armas nucleares forem detonadas, quero ter certeza de que sobreviverão e não serão feridos pela radiação. Por isso, peço sua permissão para hospedá-las em seu *ashram* em Quebec.”

Fiquei pasmo e surpreso com a perspectiva de hospedar *mahatmas*. No ano de 1970, eu fazia parte do comitê organizador do primeiro *Maha Kumba Mela* proposto na América. Em uma de nossas reuniões iniciais, realizada no *Integral Yoga Institute*, em Hollywood, na Califórnia, encontrei pela primeira vez o falecido Charles Berner, criador da instituição - mais tarde conhecido como Yogeswar Muni, depois que se tornou discípulo de Swami Kripalvananda, (fundador da Kriplu) -, o falecido Swami Vishnudevanda e, pela segunda vez, o falecido Yogi Bhajan. Planejamos trazer seis jatos Boeing 747 Jumbo com centenas de *sadhus* para uma fazenda no Oregon, onde o evento seria realizado. Nossos planos finalmente falharam sob o peso dos desafios logísticos. Mas isso aconteceu apenas dois anos depois do famoso festival de música em Woodstock, em Nova Iorque, onde Swami Satchidananda, fundador do *Integral Institute* e amigo de longa data de Yogi Ramaiah, ficou famoso. Passados 30 anos, Barfani Dadaji conseguiu organizar o primeiro mini *Kumba Mela* nos Estados Unidos, incluindo uma procissão de *sadhus* em um centro de convenções ao norte de Nova Jersey.

Então, quando Barfani Dadaji pediu-me para hospedar seus amigos *mahatmas* em nosso *ashram* no Quebec, por um período indefinido, eu sabia que ele era sério e capaz de fazer isso acontecer. Sem hesitar, simplesmente





respondei com prazer: “Quando?”. Ele não sabia dizer até o dia seguinte, quando, em uma entrevista posterior, foi pressionado com a pergunta: “Quando eles virão?”. Ele finalmente respondeu: “Vou mandar uma mensagem para eles. Então, vão perguntar a Shiva e Shiva me informará”. Presumi que seria informado por Barfani Dadaji e que deveria simplesmente esperar. Vários meses depois, soubemos que um cessar-fogo foi negociado entre Índia e Paquistão e que ambos os lados retiraram as massas de soldados da região da fronteira de Kargil.

Barfani Dadaji também foi submetido a tratamento com *Kaya Kalpa* em duas ocasiões. *Kaya Kalpa* é o método rejuvenescedor da medicina *siddha* que usa reclusão, jejum, ervas e técnicas de *yoga*.

Enquanto estávamos em Indore, viajamos de canoa da ilha vizinha de Omkareshwar, descendo o rio Narmada, até o *ashram* à margem do rio remoto do discípulo de Barfani, Ramananda Acharya. Durante este período, ele estava gastando mais de 12 horas por dia com prática meditativa yogue intensiva com a Deusa Kali em uma folha de palmeira, e uma cova coberta e seca com cerca de três metros quadrados e três metros de profundidade. Embora em silêncio, ele graciosamente respondeu nossas perguntas por escrito, rodeado por seus únicos companheiros, uma trupe de macacos. Continuei a sentir suas bênçãos e proteção desde que recebi seu convite.

Ele e seu falecido discípulo Ramananda Acharya continuam a inspirar muito a mim e a Durga.



## 4

# Notícias e Notas

### Seminários de iniciação do Ashram de Quebec em 2021 com M. G. Satchidananda

1ª iniciação: de 21 a 23 de maio e de 2 a 4 de julho; 2ª iniciação: de 11 a 13 de junho e de 3 a 5 de setembro; 3ª iniciação: de 8 a 17 de outubro.

**Novas versões em MP3 de nossos três álbuns** - Agora os álbuns ‘OM Kriya Babaji Stuti Manjari’, ‘Canções e cânticos devocionais da tradição do Kriya Yoga’ e ‘Despertar do sonho’ estão disponíveis em MP3. Depois de comprá-los, você terá acesso instantâneo às músicas pelo do [gumroad.com](https://www.babajiskriyayoga.net/gumroad.com) e poderá ouvi-los em seu telefone, tablet, computador e outros dispositivos. <https://www.babajiskriyayoga.net/email/bky-monthly-promo/english/bky-mp3-audio.html>.

Índia: <https://www.babajiskriyayoga.net/email/bky-monthly-promo/indian/bky-mp3-audio.html>

**Entrevista em vídeo com M. G. Satchidananda** - Veja a entrevista completa com 45 minutos para o filme *The Grand Self*, incluindo perguntas e respostas sobre o corpo de luz e os ensinamentos dos *Siddhas* sobre a transformação de todos os cinco corpos. <https://www.babajiskriyayoga.net/email/bky-monthly-promo/portuguese/bky-grand-self-movie-satchidananda-interview.html>

**Receba nossos novos cartões com mensagem de Babaji!** - Eles inspiram e lembram você de *Kriya Babaji* e da sabedoria da nossa tradição. Encaminharemos via Whatsapp de duas a três vezes por semana em



seis idiomas, de acordo com sua escolha. Simultaneamente, publicaremos a mensagens em inglês no Instagram ([instagram.com/babajiskriyayoga](https://www.instagram.com/babajiskriyayoga)). Clique aqui para baixar o PDF e obter mais informações.

**Reuniões de *satsang* on-line, aulas de Yoga, perguntas e respostas.** Muitos de nossos *Acharyas* estão oferecendo apoio aos iniciados e não iniciados por meio de aulas on-line de Hatha Yoga, bem como a reuniões de *satsang* por plataformas como a do Zoom. No entanto, outras técnicas de Kriya Yoga ensinadas durante os seminários de iniciação não podem ser compartilhadas on-line. O objetivo dos encontros é incentivar os participantes a meditar e inspirar a prática. As perguntas dos iniciados sobre as técnicas de Kriya Yoga serão respondidas *apenas em um ambiente personalizado, onde é garantida confidencialmente, por e-mail, telefonema ou pessoalmente.*

**Use o Zoom para participar de aulas on-line de *Kriya Hatha Yoga*, meditação e reuniões de *satsang*.**

**Na Europa, para iniciados - *Satsang*** aos domingos às 12h00 GMT + 1 (14:00 horário da Europa Central) duração: de 60 a 90 minutos.

**No Sri Lanka - *Satsang*** de segunda-feira a sábado às 17h00 (horário padrão da Índia - 12h30 às 13h30 GMT + 1). Para mais detalhes acesse <https://kriyayogasangha.org/babajis-kriya-yoga-online-satsang/>

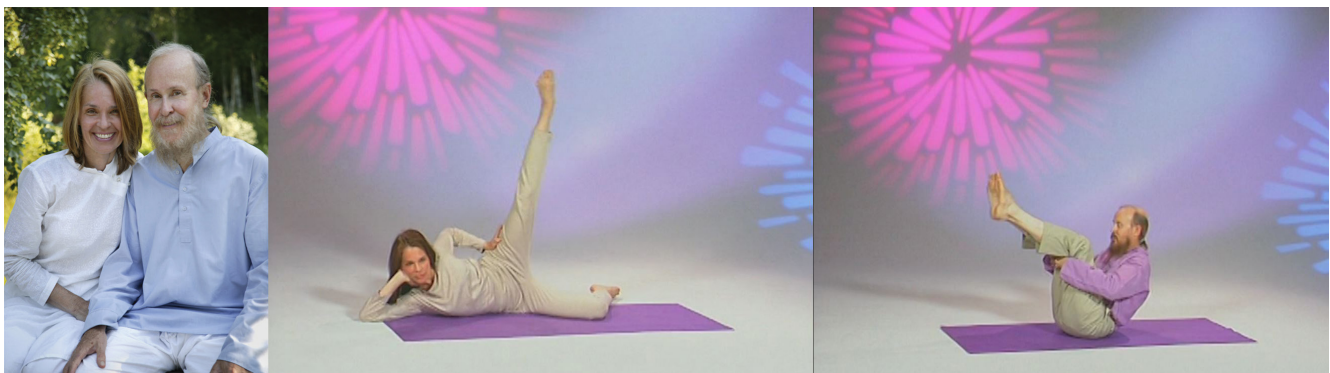
**Em São Paulo, Brasil, para iniciados - *Satsang*** diário às 18h30 (horário de São Paulo). Aula de *Hatha Yoga* todas as sextas-feiras, às 8h, para todos. <https://us02web.zoom.us/j/5184926117?pwd=UnF-VWmdSZC9PK0JoN0xPTGMxd3pSQTO9>

ID: 518 492 6117 Senha: babaji

**No Espaço Flor das Águas, em Cunha, São Paulo, Brasil -** De segunda a sexta-feira, das 6h30 às 7h30, aulas de *Kriya Hatha Yoga* e *asanas* clássicas da *Yoga*. Das 7h30 às 8h10 *pranayama*, meditação, leitura e *mantras* védicos. Contato (em português): [fabifsamorim@hotmail.com](mailto:fabifsamorim@hotmail.com).

**Na Índia - *Satsang* aos domingos:** 12h00 GMT + 1 (14.00 CET) com duração de 60 a 90 minutos. [https://www.babajiskriyayoga.net/english/pdfs/events/english\\_Intl-satsang-infotext-suday.pdf](https://www.babajiskriyayoga.net/english/pdfs/events/english_Intl-satsang-infotext-suday.pdf)

**Novo! Faça streaming ou download no seu celular, PC ou tablet do novo vídeo: *Kriya Hatha Yoga de Babaji*** - Auto-realização por ação com consciência, 2h05 de duração, **em 20 seções** com M. G. Satchidananda e Durga Ahlund. Para obter mais detalhes e visualizar uma amostra de nove minutos, acesse: [https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore-2.htm#bkhy\\_streaming\\_video](https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore-2.htm#bkhy_streaming_video)



“Esta é uma apresentação sincera, única e inspiradora, adequada para iniciantes e intermediários experientes.” – foi como o *Yoga Journal* classificou a iniciativa.

**COVID-19 e Seminários de Iniciação na Kriya Yoga de Babaji** - Como as autoridades de muitos países agora estão relaxando as condições projetadas para restringir o movimento e a reunião de pessoas, mas como o risco de infecção pelo novo corona vírus/COVID 19 continua muito alto, o Conselho de Administração recomenda o “distanciamento social” físico **como o primeiro yama ou restrição social: *ahimsa*, para não causar danos**. Portanto, não é aconselhável oferecer seminários de iniciação pessoalmente até, e a menos que, as condições permitam ministrá-los com segurança para todos os envolvidos e que a prevenção ou tratamento confiável de casos graves seja garantido e esteja disponível para todos. Somos desafiados a agir com senso de responsabilidade pela saúde e pelo bem-estar econômico de todos os que nos rodeiam, não apenas de nós mesmos. Os ensinamentos e *sadhana* do Kriya Yoga de Babaji para renunciar à perspectiva do ego podem nos ajudar a enfrentar esse desafio.

Reconhecemos que as condições variam amplamente entre vários países e até cidades. No entanto, o vírus não se importa em que país ou cidade você está. Ele sempre demonstrou ser mais perigoso do que o esperado. Estudos confirmam que os “aerossóis” exalados pela respiração normal, e não apenas as pequenas gotas expelidas pela tosse ou espirro, contribuem para espalhar o vírus em locais fechados (ao contrário de locais ao ar livre). Consequentemente, uma pessoa em uma sala fechada ou avião pode infectar rapidamente dezenas de outras pessoas em poucos minutos, independentemente de os governos terem reduzido as restrições devido à pressão econômica.

O Conselho da Ordem dos *Acharyas* concorda, por unanimidade, que durante a pandemia as iniciações de Kriya Yoga de Babaji devem continuar sendo oferecidas apenas pessoalmente, para garantir confidencialidade. No entanto, palestras introdutórias podem ser oferecidas on-line a qualquer pessoa.

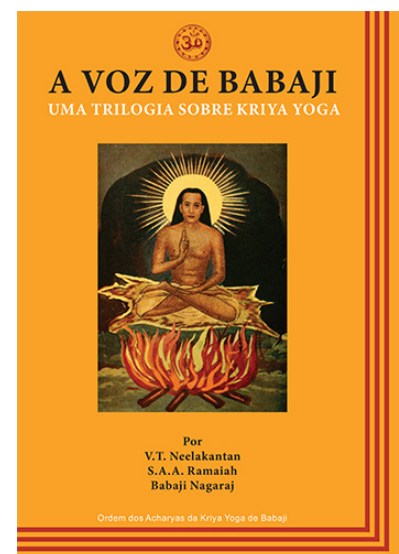
**A Voz de Babaji: Uma Trilogia Sobre Kriya Yoga** por V.T. Neelakantan, S.A.A. Ramaiah e Babaji Nagaraj, 1ª. edição em Português 2020  
520 páginas com 8 páginas coloridas

Preço: R\$ 90,00 ou no exterior US\$16.00 mais tarifa de postagem aérea. ISBN: 978-I-987972-20-7

Sri V.T. Neelakantan registrou palavra por palavra de uma série de discursos proferidos pelo Satguru Kriya Babaji em 1953. Eles compõem uma fonte de deleite e inspiração, iluminando o caminho de Kriya Yoga em direção à realização de Deus, à unidade na diversidade e ao amor universal. Eles também revelam a personalidade magnética de Babaji e como ele nos sustenta a todos, com muito humor e sabedoria. Originalmente, foram impressos separadamente em três volumes: “A Voz de Babaji e o Misticismo Desvelado”, “A Chave-Mestra de Babaji para todos os Males, (Kriya)” e “A Morte da Morte de Babaji (Kriya)”.

Estes textos incluem os relatos dos fascinantes encontros com Babaji feitos pelos autores V.T. Neelakantan e Yogi S.A.A. Ramaiah. Fora de catálogo por quase 50 anos, estas são declarações profundas e importantes de um dos maiores mestres espirituais vivos.

SAIBA MAIS: [https://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php#voice\\_of\\_babaji\\_book](https://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php#voice_of_babaji_book)



**A Prática do Yoga Integral** - por J.K. Mukherjee, agora é distribuído pelas Publicações de *Kriya Yoga*:

[https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#integral\\_yoga\\_book](https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#integral_yoga_book)

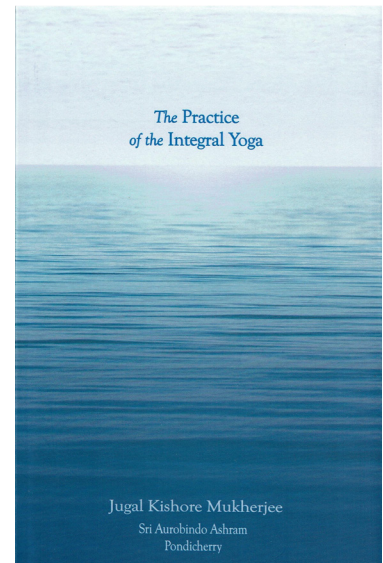
por Jugal Kishore Mukerjee, *Ashram* de Sri Aurobindo, Publicado em 2003. 366 páginas. Preço: US\$ 16,90, CAD 18,90 no Canadá (inc). ISBN 81-7058-732-8. Capa comum, 6 x 9 polegadas.

Se você é inspirado pelo brilhantismo dos escritos de Sri Aurobindo, ou se seu coração é chamado pela Mãe, e deseja compreender em poucas palavras como praticar o *Yoga Integral*, este é o único livro de que você precisa!

Se você quer experimentar em seu corpo e mente o que é “chamar a Graça” para sua vida, este é o único livro de que você precisa!

Se você quer desenvolver um conhecimento claro e presente de quando a Vontade Divina está intercedendo em sua vida, este é o único livro de que você precisa!

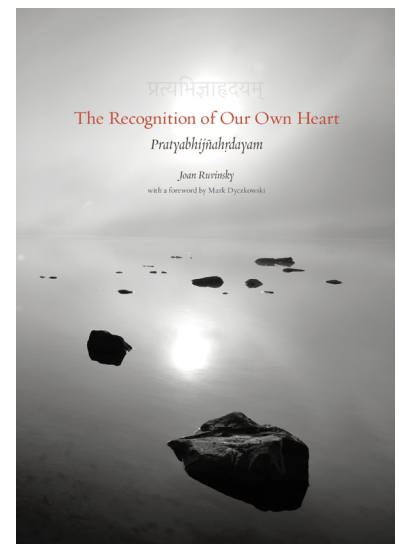
“Apreciamos este livro imensamente. Encontramos o Professor Mukerjee, um *sadhak* de *Yoga Integral* há mais de 50 anos, e ex-diretor do Centro Internacional de Educação, em janeiro de 2006, no *Ashram* de Sri Aurobindo, em Pondicherry. Ficamos encantados com sua mensagem clara de que viver uma vida divina significa ser implacável na busca de fraquezas e defeitos em si mesmo, e com clara e total determinação de preencher a lacuna de onde você está - para onde você quer estar, invocando o Divino sempre que necessário. Ele nos dá os meios em seu livro “A Prática do *Yoga Integral*”.



**O reconhecimento de nosso próprio coração - *Ponderings on the Pratyabhijnahridayam***, de Joan Ruvinsky com prefácio de Mark Dyczkowski, é a nossa mais recente publicação. ISBN 978-1-987972-15-3, 164 páginas 7 x 10 polegadas, capa comum, abril 2019, com mais de uma dúzia de fotografias de natureza artística Preço: US\$ 23,00, CAD \$ 31,45 no Canadá (inc). Nesta jóia de livro, Joan Ruvinsky, professor não-dual de *Yoga* e meditação, oferece uma tradução interpretativa belamente ilustrada de um dos textos fundamentais do *Shaivismo* da Caxemira - 20 versos curtos que abordam questões fundamentais e universais. Parte poesia, parte guia, parte arte, transmite a riqueza e a incandescência tão características da linhagem, sem perder de vista os últimos 400 anos de investigação filosófica, revelação espiritual e erudição.

Nas pegadas dos mestres tântricos do período medieval - que não eram apenas grandes *yogues*, mas também eruditos, poetas, músicos -, Ruvinsky abraça o corpo, a mente e os sentidos como caminhos para a iluminação. Em sua forma distintamente poética e realista, Ruvinsky lembra-nos de viver diretamente, momento a momento, no mistério. Você já tem o que precisa. Ela entoia: “Todas as contemplações são válidas. Não há respostas certas, nem becos sem saída, apenas caminhos no infinito”.

[https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#recognition\\_heart\\_book](https://www.babajiskriyayoga.net/english/bookstore.htm#recognition_heart_book)



**Visite nossa loja online** - [www.babajiskriyayoga.net](http://www.babajiskriyayoga.net) para comprar todos os livros e outros produtos vendidos pela Babaji's Kriya Yoga Publications, ou para fazer doações à Ordem dos *Acharyas*, aceitamos cartão de crédito (VISA, American Express e Master Card). As informações do seu cartão são criptografadas e mantidas em segurança. Confira!

**Inscreva-se no Curso da Graça da Kriya Yoga de Babaji, um curso por correspondência** - Convidamos você a juntar-se a nós nessa aventura de autoconhecimento e descoberta, elaborada a partir de livros ditados por Babaji em 1952 e 1953. Receba por e-mail, a cada mês, uma aula de 18 a 24 páginas sobre um tema específico, com exercícios práticos. Veja mais detalhes aqui: [http://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php#grace\\_course](http://www.babajiskriyayoga.net/portuguese/bookstore.php#grace_course)

**Visite o blog da Durga:** [www.seekingtheself.com](http://www.seekingtheself.com)

